



O MAGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Alfandega n.º 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 25 DE JANEIRO DE 1852.

ESTUDOS THEATRAES.

Terceira Licção.

Chegamos agora mesmo de assistir á representação da *Lucia de Lammermoor*; que vazio nos camarotes em contraste com a encheute da platea e cadeiras! Acazo os homens serão mais amantes da muzica do que as nossas bellas? Ninguem o dirá, porque o grande numero que possuimos dellas dadas a essa arte, e entre essas algumas bem distintas, fazem fé de que o vazio dos camarotes tem um outro motivo, que não essa falta d'amor por essa bella arte.

Qual será elle?

O pai de familia que tiver uma familia numerosa, como temos muitos, que lhe faça a despeza diaria de 5 a 6 mil réis: aquelle cujo rendimento mal possa dar para a manutençao da familia, como entre nós é muito ordinario: aquelle que olha um pouco para o futuro, e procura juntar algum capital para os filhos, como todos devem fazer, não vão por certo ao theatro lyrico dar por um camarote 10 mil réis, pelo menos, alem da sege ou carro, que se lhe faz preciso pela distancia em que fica este theatro por agora!

E' theatro para os ricos e opulentos....

Acaso os nossos ricos e opulentos são como os d'Europa?

Os nossos ricos e opulentos só procurão fazer-se iuda maiz

rioses e opulentos, e todos os seus divertimentos se reduzem ao jogo do Solo, Voltarete ou Ecarté!... E isso mesmo é ramo de negocio. Quereis um exemplo d'isso?

Um dos da direcção, talvez o mais abastado, ninguem o viu nunca no theatro nem nos dias de galla: entretanto todas as noites tinha jogo de voltarete em sua caza.

Em que são os assignantes de cadeiras melhores que os de platea, para aquelles terem desconto, e estes não?

Seria difícil responder. Porque não fazem estrear segnnda vez o Sr. Mazzio? Talvez uma outra opera estivesse mais em seos meios.

Antes de romper-lhe o contracto seria melhor tentar todos os meios a ver se podia se aproveitar o dinheiro que se gastou com elle, e que se hade gastar na sua volta, se elle não servir.

O que se fará do Sr. Vergine? Servirá ou não?

A darmos credito ao que diz uma folha, desde o principio do spectaculo, a aria de *Medea* estava nas estantes da orchestra! Jogo havia sciencia da molestia do Sr. Vergine, e então para que fazel-o estrear?!

A proposito da estrea do Sr. Vergine, que quer dizer a coincidencia que houve na primeira e na segunda vez que a opera *Dois Foscaris* foi posta em scena?

Ambas as damas estavão pejadas! Ambos os tenores estavão doentes. Que formozas circunstancias para acreditar uma opera?!

Cremos que não ha outro proposito.

Para que se renovão as assignaturas?

Muito melhor seria descansar a companhia até ao Provisorio, ou até chegarem novos cantores; antes que acabemos de perder esta logo á nascença, tanto mais, que a voz mais melindrosa da companhia já parece ir-se ressentindo do excesso de trabalho nesta estação calmosa.

Que vem cá fazer os Srs. Geanini e Dionizio pelo *J. do Com.*?

Ninguem deixou d'ouvir o grito desafinado da Sra. Zecchini na noite dos Foscaris, a menos que não fosse surdo: e não hade ser os Srs. Gianini e Dionizio que nos convensão do contrario d'aquillo, que nos dicerem nossos sentidos.

Os Srs. Gianini e Dionizio! Magnos e eximios contractadores, que basculharão os theatros, e ruas da Europa!

Que nos importa vosso testemunho?!

Quem gabara a noiva senão o pai, que a quer cazar?!

Estamos já prevenidos, e com vosco sempre em reserva, e não sereis vós, que nos fareis comer enguia por peixe agulha.

O Chico.

N. B. Ao Sr. redactor do *Magico* diremos: que não seja tão prompto a ameaçar de palmatoria, quando não, arrisca-se a apanhar dobrado. Por em quanto não tem havido um só empregado do Lyrico, que não nos tenha assegurado, que ha quem nada faça, e que perceba um pingue ordenado. E' um bom arranjo!

DIVAGAÇÕES.

Habituados a pensar em todos os factos, mais ou menos graves que se dão na vida do homem; a analisal-os, comparal-os e concluir, não podemos rezistir, obrigados por fortes impulsos de nosso coração, ao leremos os detalhes, publicados pelo Correio Mercantil, das ultimas horas de vida do preto Joze escravo do infeliz Cisneiro, a aventurar-mos algumas opiniões, não totalmente sobre esse facto em si, por ignorarmos as circunstancias reaes que o precederão, mas sobre outros mui communs, mui frequentes entre nós, que, a continuarem darão sempre resultados identicos a esses; resultados funestíssimos sem dúvida, mas que são para o pensador imparcial, justiciero e conhecedor do coração humano, talvez uma desgraçada necessidade.

Estudaremos pois, algumas circunstancias dessa descripçō; fallaremos em geral sobre esse e outros factos; analysaremos a lei especial de 10 de Junho de 1835; e dessa analyse e estudo abraçaremos o que acharmos fundado em razão, justiça e direito natural; e reprovaremos tudo que for barbáro, injusto e deshumano.

Oxalá que este nosso estudo aproveite, quando não aos outros, ao menos a nós, que niniamente desejamos avaliar e conhecer o mundo em que vivemos.

Viveu sempre esse desgraçado escravo bem tratado e em harmonia com seu infeliz senhor, até certa epocha, conforme o pouco que chegou ao conhecimento do publico; dahi porem principiarão indisposições, desintelligencias, que crescendo derão em resultado um assassinato: por esse crime foi levado o escravo aos tribunaes foi condenado a morrer; passou as ultimas horas de vida no oratorio cereado de dois sacerdotes com submissāo; foi visitado por sua māi, pohre velha e captiva, a quem abraçou estreitamente banhado em lagrimas, subiu ao patibulo e foi executado, sempre com coragem e sangue frio extraordinarios !

Eis o resumo da historia desse triste acontecimento.

Seria barbáro e perverso, como dizem, esse infeliz por essa coragem e sangue frio ? Vejamos.

Quem sabe si essa coragem, esse affrontar audacioso da morte, esse dormir tranquillo na noite antecedente á execuçāo serião effeitos de convicção intima, de consciencia firme de que havia praticado uma acção, quando não boa, ao menos necessaria, indispensavel á sua segurança e conservação ?

Quem sabe, si perante Deos que Unico conhece os mais reconditos segredos do coração humano, havia elle, quando muito, commettido uma falta, mas não um crime ?

Só Deos o sabe.

Continua.

MINHAS REFLEXÕES.

O apparecimento de um jornal de senhoras veio desafiar em mim dezejos que sempre devia tel-os guardados, por muitas razões particulares. Comtudo apezar de conhecer a minha insufficiencia e pozião, não posso deixar de pedir ao redactor do Magico, que aceite este meo trabalho, a fim de poder entreter relações com o Jornal das senhoras, já que não tenho a satisfação de conhecer a Redactora.

Nunca escrevi para o publico, e por isso acanhada como todas as do meu sexo aqui neste paiz, não quero desafiar polemica, mas sim enunciar meus pensamentos e reflexões.

Conheço que não temos voto sobre couzas publicas, e o temos em bem poucas domesticas; mesmo assim, isso não é devido a falta de liberdade da mulher, ou á sua não emancipação, mas a um erro de principios que não se dá em muitas partes, ou talvez á má direcção, que por motivos, que bem mal se pode explicar, se tem dado á mulher desde o betço. Neste paiz infelizmente, onde a ignorancia plantou as primeiras arvores, das quaes comemos ainda hoje os fructos, sem duvida o atraço é devido a essa cauza, e não a falta de liberdade da mulher: porque ella goza de certas prerrogativas e tem certas regalias que não deixão de ser attendiveis.

Concordariamos com a illustre Redactora, se ella quizesse modificar algumas das abuzivas leis com que os homens, já como pares, maridos, ou tutores, tem até hoje dirigido a mulher, sobre tudo aqui em minha patria, ou se quizesse tomar a si o encargo de mostrar e combater o erro em que cahem muitos homens pela mal entendida clacificação que dão a mulher, ou á maneira egoista porque a considerão. Porem querer já, tão fóra de tempo e talvez infructifera mente a emancipação da mulher! Oh! perdoe-me senhora, fostes talvez peorar o nosso estado.

Muitos maridos, e muitos pares não tem querido dar a ler os vossos jornaes, para que essas ideias não se infiltrrem no espirito de suas mulheres e filhas. Ora, eis por onde pecastes; deverieis ter preparado a todos para receberem essas ideias, novas aqui, e de bem pouca acceptação: porque os pares e os maridos, e até os mestres tem entendido que a mulher deve ser aquillo que elles entendem e não o que ella é. Demais segundo as disposições de nossa organização e natureza, e a influencia do lugar em que nascemos, não pode cabernos essa pozião; sobre tudo as fluminenses. Seria um transtorno em nossa sorte se se admittisse essa transformação em nossa sociedade.

O que seria bem louvavel era se quizesseis vos unir a mim para combatermos o rigor e o arbitrio com que os homens nos tratão em qualquer caso que elles se achem em relação á mulher.

Como pares, abuzão da pozião em que a natureza as collocou; quando não se arrastão por uma condescendencia sem limites e um mal entendido amor, perdem-se em desvairados caprichos, em estupida preponderancia, a ponto de esquecer tudo o que não serve de pasto á brutalidade de seu trato. E muitos surdos ao reclamo da natureza, desconhecem seu proprio sangue.

Muitas vezes sacrificão uma vida inteira da filha, que elles dizem querida, só por uma avidez de momento, e mal entendida conveniencia: supondo que o bem estar, o futuro de uma mulher, a tranquillidade de uma espoza, o bem de uma mãe esta na satisfação de interesses que nada tem de reaes, mas que podem satisfazer a ambição de um homem.

Quazi sempre comprehendem que a sua pozião de pae lhes dá direitos, que elles chamão legítimos, mas que sobrepassão os limites marcados pela natureza; e assim fazem dos sentimentos de que elles se achão possuidos, os dezejos e sentimentos de suas filhas. Aquillo que para si favorece o futuro e dá contentamento á sua existencia, é que elles entendem que vai beneficiar o viver de suas filhas. E então ellas contrariadas assim no mais caro de seus sentimentos vão definindo, até que perdidas para todos, é então que elles vem chorar a perda, desconhecendo a cauza.

E' sobre estes e outros pontos que devemos argumentar, e não sobre a *emancipação*, porque a mulher della não precisa para passar uma vida feliz. Continuarei.

Tenho a honra de me assignar.

Luiza E.

COMMUNICADO.

Ao despertar d'um sonno,

Propicia noite, nem sempre aos reis e nobres, soberbos potentados, teus momentos deliciosos e fagueiros acalentão no leito... nem sempre aos crininosos, envolves com teu manto, nas horas do silencio! Nem sempre ao poeta, surprehendes, nas meditações de sua divagadora imaginação!....

E's a imagem dos mortos.... mysteriosa e muda como a tumba, só abrigas aquelles que te votão gemidos e soluços... Noite.... que val os zunidos dessas palmeiras impellidas nas horas da tormenta pelo sopro devastador do aquilão terrivel? Que val o sussurrar das tumultuosas e arquejantes vagas na luta da invencivel tempestade? Que val os estampidos dos trovões, na tremenda peleja dos elementos? Que pezo dás aos arquejantes gritos da muribunda preza em mão do assassino ousado? Que socorros ministras ao errante espectro do parricida que te busca como um asylo?... Noite!... impassivel gigante que te apraz os crimes! Noite, damnoso abutre que atolas as garras nas cartilagens da inocente victima, que queres tu de mim?

Oh! não venhas ardiloza

Com teu silencio attrahir-me!

Eu renego os teus mysterios

Em vão buscas illudir-me!

Se me roubas o repouso,

D'um sonhar terno de amores

Eu conjuro os teus momentos

Eu maldigo os teus horrores!...

Nas decantadas pelo Homero, ruinas de Troya, deceste teu negro manto, soberbo de devassidões tremendas! Nos restos da Sodoma ingrata, envolveste os depostos septros, com teu luctuoso nedrumo! Nas sangrentas faxadas da Nenive, prostituta e blasphemica sustentaste com infernal ingenho as inscripções da punição dos monstros! Noite, e presaga talvez, me queres revellar o sinistro futuro dessa Lusa patria, que agonisante espira! Dispertaste-me ao ribombo dos trovões, com raios esclareces a luz amortecida dos meus olhos e me fallas assim da terra de meus paes?... Envolta a mente de peçonhentos pensares ulcerado opeito por belicos e profundos golpes, que posso presentir?....

Venha a aurora com seus raios

Para longe afugentar-te,

Que meu estro involto em lucto

De mais sabe renegar-te!

Venha aurora que eu saudosos

Pelos dous que só lhe invejo,

Quero alegre e venturoso,

Me lembrar do patrio Tejo!...

PORQUE ME DEIXAS SOZINHO ?

Vês Arminda, aquelle prado
Tão amêno e florecente,
Onde só cantar cadente
Se escuta ahi do plumôso ?
E' esse o sitio ditoso,
E' esse o sitio de amor.

Vês tambem aquella flôr,
Vivace lirio innocent.
Como, coitada, se sente,
E p'ra o chão vai-se inclinando ?
E' porque a roza seccando
Secca com ella o amor.

Sai da cabana o pastor,
Lá caminha descansado,
Porque tem sempre a seo lado
Bella Marcia, a fida amante ;
E assim nenhum instante
Vive elle descontente.

Marcia logo se presente
O seo pastor pensativo
O consola, e linitivo
Corre a dar ás suas dôres :
E assim os dois amores
Gozão de paz e prazer.

Pois se vês, ó minha Arminda,
Morrer pela roza o lirio,
Como duvidas que eu morra
D' amor por ti n'um delirio ?

Se ao seo pastor viste Marcia
Dar-lhe a paz, dar-lhe a ventura,
“ Porque me deixas sósinho ”
A braços c' a desventura ?

Queres assim que te chame
D'ingrata sem piedade,
Se tu me deixas tão triste
A gemer em soledade ?

E. Sá.

A MELANCHOLICA.

E' pallida e triste ; a fronte alquebrada
Lhe pende por força de occulto pezar....
E sempre involvida n'um véo de mysterios....
E sempre a scismar !

E' pallida e triste..... a luz de seus olhos
De pranto turvada parece morrer....
Qual candida estrella que o véo d'uma nuvem
Mal deixa entrever.

Não rí e não folga.... quer venha d'aurora
A luz tão brilhante o mundo dourar....
Quer venha da noite o manto sombrio
A terra enluctar.

Não rí e não folga... a fronte alquebrada
Lhe pende por força de occulto pezar,
E sempre envolvida n'um véo de mysterios,
E sempre a scismar !

Só quando da tarde as misticas sombras
Derramão poezia nos céos e na terra....
Do peito anciado que então mais se acalma
Um canto descerra !

E os echos do valle seu canto repetem,
Seu canto mavioso de dôr repassado,
E ella se alegra ouvindo dos echos
O som magoado !

Então em seus olhos se ateia fugaz
Um fogo mentido de breve luzir,
E trocão seus labios co' as sombras da tarde
Um doce surrir.

Mas eis que de novo se affoga em tristeza
De novo lhe punge occulto pezar....
A fronte abatida lhe pende no seio
De novo a scismar.

Feliz quem podera mudar tua sina
Em sina ditosa...., trocar teu fadario,
Da dôr que te involve ignota e tão funda
Romper o sudario !

M. A. de Almeida.

VARIEDADES.

Noticias apanhadas a gancho.

— Valha a verdade, que chegou um defunto a Jacarepaguá, que por estai muitos dias desenterrado já não fallava. Ha quem diga que o corpo veio da Tijuca. Se não falha a noticia, era algum corinheiro que quiz fazer bifes da carne do pobre illéo, pois lhe deo bem boas picadas. O facto é que a alma delle já lá vai e ninguem se importa com isso.

— Domingo que passou, faz com este já dois, uns *amantes*, das couzas alheias forão visitar certos rapazes que morão na rua dos Latoeiros em um sotão, e limparão-lhe a casa! ora veja que incommodo! A um deixarão com a roupa do corpo! Isto seria namoro? e a policia porque não se namora e caza com estes gatunos! ? Ora escute mais. “

— Quarta feira à noite choveo como os trescentos diabos. Era tarde e o sino não sei da onde (porque o caso não foi commigo) dava onze horas; ia um estudante de..... para casa..... já se sabe que a maior parte deste povo não possue e nem traz consigo couzas de valor; porque é contra a philosophica falta de dinheiro. O caso é que ia atravessando o largo da Carioca e lá pelo lado da Guarda Velha onde ha umas carroças, sahio um sujeito que por força queria ver-lhe o relogio..... olhem que mania! E a policia porque não hade caçar estes lagartos que sahem de noite e em dias de chuva? O sujeito perseguiu o amigo até quasi ao entrar, queria dar-lhe terceiro bote, mas o estudante ,estava como o papel em branco !que não serve para satisfazer a cobiça de ninguem. Ora quem dará a volta no globo, e collocará as couzas em um estado devido?

— Vende-se um rico estabelecimento, bem afreguezado no centro desta cidade, com todos os seus pertences, menos um frade de pedra que de ha muito serve de assento aos officiaes do dito estabelecimento, aplicadores de ventosas; quem o mesmo pretender dirija-se às escadas do Hospicio que lá achará com quem tratar, ou procure pela não da policia na esquina da sachristia que vel-a-ha por um oculo.

CHARADA.

Sou finissimo tecido; — 1
Os mortaes todos me tem; — 1
A minha junto á primeira
Por certo não honra bem. — 1
Da terra saio à carreira,
E no mar fico envolvido. — 2

CONCEITO.

Minha irmã fugio do mundo,
Foi pr'um convento habitar,
E eu vou lá todos os dias
Ahi, com ella fallar.

L. da S.

FOLHETIM DO MAGICO.

(Continuação do numero 10)

— Para poder satisfazer-vos é precizo que eu tome conhecimento d'esse escripto.

— Eu vou to ler.

— Bem : eu vos escuto.

Christina assentou-se juncto da meza, e Clairet a seu lado : pegou no libello, e leu, a principio com voz resoluta :

« Christina quer subir de novo ao throno da Suecia : julga ella que as lembranças que lá deixou estarão de todo apagadas ? julga ella que todas as testemunhas de suas devassidões nocturnas, estão mortas com veneno, como Magnus de la Gardie ? »

Christina parou, e dice :

Foste tu que lho deste, Clairet.

— E Landini quem no preparou, Senhora.

— Qual de vos dois me trahiria ?

— Nem um, nem outro talvez. A accuzação desde muito tempo que tinha voga... Continuai.

Christina proseguio a leitura.

« Qual de seus numerosos amantes, Christina deve escolher para commandar o exercito que deve restituil-a á Stockholm ? Será o Norueguo Bellinder, o Sueco Shumlack, o Russo Teskisheff, os Italianos Bellamonte, ou Monal-deschi ? »

— Ledes muito baixo, e não posso ouvir-vos, diz Clairet aproximando-se.

— Ah ! não me olhes, exclamou Christina cobrindo o rosto com as mãos.

— Não sei eu tudo isso ? diz o velho com um tom negligente, vamos, animo, continuai.

— Escuta bem isto Clairet, escuta bem.

E continuou com uma voz firme.

Pagará ao seu exercito com esse milhão de patacas, que pedio emprestado, ha trez mezes em Rotterdam, ao judeo Winter, a quem deu em penhor falsos diamantes ? »

— Então ? diz Christina olhando Clairet em face.

— Então, diz Clairet olhando por sua vez a rainha, os diamantes dados a Winter erão falsos? vós deveis saber-o.

— Estes diamantes erão falsos quando eu t'os dei para guardar?

— Eu não sei quaes são os que destes ao judeo: os que eu tinha, vos mos pedistes oito dias antes de se fazer o emprestimo.

— Estiverão commigo todo esse tempo.

Ninguem tem direito d'entrar no vosso quarto em vossa auzencia?

— Ninguem.

— Ninguem entrou nelle comvosco acordada, e se retirou em quanto dormieis?

— Monaldeschi.

— Que pensais?

— Oh! é impossivel... impossivel... um roubo... um roubo vergonhoso... não, isso não pôde presumir-se.

— Comtudo só aquelle que o fizesse, é que poderia saber isso.

— Seria pois elle...

— E' elle. esclamou Clairet, com uma alegria feroz, e eu me comprometto a dar-vol-as provas.

— Tu... considera bem nesta accucação: considera que jogas tua cabeça contra um odio igual ao meu.

— Emfim, emfim, esclamou Clairet, sem responder directamente á rainha, pilhei-vos á mão Sr. marquez... Mas senhora, é precizo que elle nada suspeite, pôde-nos escapar... pôde...

— Mas a prova...

— A prova, eil-a...

Clairet hia continuar, quando um barulho tumultuoso se deixou ouvir á porta da rainha: agitava-se, chamava-se.

Clairet foi abrir a porta, e perguntou o que é que havia de novo.

— Sr. Clairet, Sr. Clairet, diz-lhe uma das mulheres: vossa filha foi roubada.

— Roubada, Marianna!...

— Receioza da indisposiçao da rainha, eu fui procurar o medico, il signor Landini: atravessava o patio do Cavallo branco, quando vi no escuro um corpo levado por dois

homens: benzi-me porque julguei ser um dos defuntos, que este impio Landini costuma trazer para seu laboratorio para as suas experiencias, elles tomarão para o lado da grade. Segui-os; elles forão pôr este corpo em uma sege; mas apenas tinhão entrado todos trez, que ouvi gritos: Aqui d'El-rei! e reconheci a voz de Marianna.

— E' impossivel, é impossivel, diz a rainha... ; correi, correi.

Todas as mulheres sahirão: Clairet permaneceo imovel.

— Ella tem razão... ella tem razão, diz elle, é Marianna... eu me recordo agora que as sentinelas faltavão quando passei pela porta da galeria, as velas estavão apagadas, e caminhando ás apalpadelas encontrei esta chave... Eu vol-a trazia.

— Esta chave! diz Christina fazendo-se vermelha de vergonha,

— Sabeis a quem pertence, replicou Clairet.

— Oh! agora é que eu mais precizo da prova de seu crime.

— Para fazer o que.?

— Para punil-o.

— De que sorte?

— Com a morte.

— Com a morte, não é assim?

— Com a morte, eu to juro.

— Conto com isso, e contai vós tambem com a prova que vos hei promettido.

III.

Era sempre na mesma noite, uma hora depois da conversaçao de Clairet com Christina. Landini e Marianna caminhavão a pé pela floresta, porque a pouca distancia do castello a sege se tinha quebrado, logo depois de Merula a ter descido.

A principio Landini quiz obrigar Marianna a seguir-o até á gruta de Franchard: mas a moça se tinha recuzado a isso com uma violencia, que fez tremer o alchimista. Envenenador determinado, não teria sido senão um cobarde assassino, e não era homem para alcançar com ameaças de morte immediata a obediencia, que Merula teria imposto em poucas palavras á tremente Marianna. Entrou em composição com ella, e s'offereceo a trazel-a ao castello. A moça admirou-se desta proposição, e pareceo receiár uma nova armadilha: quiz ter certeza d'isso, e disse-lhe, sempre andando caminho de Fontainebleau.

— Bem, vós ides-me levar até a grade do grande patio; e sobre minha honra vos juro, que direi a meu pai, e á rainha que os homens que me roubarão me são inteiramente desconhecidos.

— Não é assim que eu entendo, replicou Landini, serei eu mesmo quem vos entregarei em pessoa a vosso pai.

— Quem, vós?

— Então quem havia de ser?!

— Não temeis sua vingança?

— Eu lhe darei em meo lugar uma preza tão valiosa, que inda elle me ficará agradecido.

— Que quereis dizer, Landini?

— Vós sois bella, como uma Nossa Senhora, Marianna, mas deveis comprehendêr, que não foi para mim que vos roubei: eu não tenho outra paixão alem do meo laboratorio, e suas fornalhas.

— Onde não achais certamente o ouro que procuraveis, o que faz quererdes o ouro com que se paga o crime. Quem é esse que pretendeis trahir por seo crime, depois de o haver adjudgado a comettel-o?

— Um homem que vosso pai detesta, talvez mais do que vos ama.

— O marquez? replicou Marianna parando.

— O marquez, diz Landini.

— Foi Monaldeschi que me mandou roubar! exclamou Marianna com um pasmo tal que surprehendeo Landini.

— Não sois bastante bonita para que o marquez, por mais grande senhor que seja, cubice uma amante como vós?

(Continua)